

## MAPEANDO A FORMAÇÃO E AS COMPETÊNCIAS DE PROFESSORES DE INGLÊS DO INTERIOR DE ALAGOAS

*Waléria de Melo Ferreira (UNEAL)*

*Juliete Barbosa da Silva (UNEAL)*

### INTRODUÇÃO

O defrontamento com a realidade do ensino de língua inglesa na escola pública do interior de Alagoas deu-se, inicialmente, através das experiências de observação dos alunos-estagiários do Curso de Letras-Inglês. Através de relatos do tipo: “O professor de inglês da turma é formado em química e aceitou o convite da diretora para lecionar a disciplina porque precisava ganhar dinheiro”, ou “A professora passa toda a aula, falando sobre religião. Cheguei até a pensar que estava na sala errada”, ou ainda “A aula é uma bagunça generalizada. O professor passa toda a aula escrevendo um texto no quadro, e depois pede para que os alunos o traduzam e/ou respondam questões sobre o texto. Enquanto isto, os alunos conversam, brincam, circulam pela sala, sem demonstrar nenhum interesse pela disciplina.”. Diante de depoimentos chocantes como estes, e de muitos outros que já escutamos, não nos surpreende o fato de que o ensino de língua inglesa nessas escolas não rendam resultados positivos.

É notória a situação de descaso em relação à disciplina língua inglesa nas escolas, de um modo geral. Mas esta situação é bem mais alarmante, quando se trata da escola pública que, além de salas numerosas (geralmente sujas, quentes e desconfortáveis), número de horas-aula reduzido (02 aulas semanais) e falta de material didático, remunera mal os professores, que acabam por assumir empregos em várias escolas, comprometendo o tempo de planejamento de suas aulas, na tentativa de alcançar um salário melhor.

A má qualidade da formação dos professores também concorre sobremaneira para tal situação. Em pesquisa sobre os Programas de língua inglesa de sete faculdades do interior de Minas Gerais, atualmente incorporadas à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Paiva (1997) tece duras críticas aos seus projetos curriculares, em particular, aos seus objetivos, suas bases teóricas, sua concepção de língua e as

metodologias adotadas para o ensino da língua, que não conseguem formar professores com competência e aptidões necessárias ao cargo. Para a autora, essa não é uma realidade exclusiva das universidades estaduais, pois nos currículos das universidades federais também é perceptível uma maior ênfase nos conteúdos curriculares em detrimento da formação pedagógica do futuro professor.

Ainda segundo Paiva (1997, p. 1), o professor de inglês ideal “deveria ter, além de consciência política, bom domínio do idioma (oral e escrito) e sólida formação pedagógica com aprofundamento em lingüística aplicada”. Investigando sobre a formação dos professores de língua inglesa que atuam no estado de Alagoas, deparamo-nos com um quadro bem diferente daquele idealizado por Paiva (1997), e que explica o desempenho insatisfatório desses profissionais. Ou seja, a maioria dos professores analisados tem dupla habilitação (Letras Português-Inglês), o que implica em um déficit de formação relevante, ou, como diz Paiva (1997) uma (de)formação desse professor, na medida em que, ao final do curso, ele não entende e nem sabe falar inglês, pouco lê e não consegue produzir um texto nessa língua. Conseqüentemente, não se sente devidamente preparado para lecionar nem português, muito menos inglês.

Tal despreparo sinaliza a necessidade urgente de alterações nos currículos das universidades do estado de Alagoas, com vistas a uma formação mais condizente com as atuais demandas da sociedade e em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Letras. Tal documento enuncia a elaboração de programas de ensino que priorizem o aprendizado de línguas estrangeiras, por meio de conteúdos, baseados no desenvolvimento de competências orais e escritas, como um dos eixos norteadores da formação do futuro professor.

Nesse sentido, a Universidade Estadual de Alagoas, instituiu, a partir de 2005, a habilitação simples na maioria dos Cursos de Letras ofertadas pelos seus cinco *campi*. O desafio agora é superar a formação baseada em conteúdos cumulativos, em direção a uma formação por competências e habilidades, que promova a preparação do futuro professor para intervir em contextos diversos, através dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, da articulação entre os eixos trabalhados (língua, lingüística e literatura), com ênfase na lingüística aplicada. E, essencialmente, uma formação em pesquisa que permita ao professor refletir sobre sua prática (e tudo que ela envolve), com capacidade para compreendê-la e nela intervir, para melhorá-la.

## 1. DESCRIÇÃO DO PERFIL DO PROFESSOR DE INGLÊS DA REDE PÚBLICA: A PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo foi realizada através de questionários semi-estruturados, incluindo um inventário de crenças, aplicados a 17 (dezesete) professores de escolas públicas, com o objetivo de identificar seus perfis, baseado em auto-avaliação pessoal e profissional de sua competência linguística e comunicativa; da caracterização de suas escolas e salas de aula; e em suas visões e/ou crenças sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Para elaboração do questionário, a professora apresentou uma primeira versão para ser lida e discutida pela turma. Após as considerações e sugestões dos alunos, foi gerada uma versão final. As questões levantadas dizem respeito à: formação e atuação dos professores; ao uso que eles fazem de recursos didáticos e tecnologias da informação; à participação em cursos de formação continuada; à estrutura da escola, à caracterização da sala de aula, com vistas às atividades desenvolvidas e competências trabalhadas; aos sentimentos e expectativas em relação à profissão.

Apresentamos, abaixo, dois quadros-resumo do perfil dos professores investigados, para uma melhor visualização da situação observada. Salientamos que os alunos que fizeram a coleta dos dados, tiveram a oportunidade de assistir a algumas aulas desses professores, antes da aplicação dos questionários.

1.Cidades	2.Idade	3.Sexo	4.Formação	5.Competência Oral
Arapiraca (02)	23	feminino	Graduação:	Excelente
Belém (01)	a	(12)	Letras Português/Inglês	(01)
Igaci (04)	48	Masculino	(10)	Boa
Maribondo (03)		(05)	Letras-Inglês	(08)
Palmeira dos Índios (06)			Pedagogia	Razoável
Maceió (01)			(01)	(05)
			Normal Sup. Docência	Fraca
			(01)	(03)
			Zootecnia	
			(01)	
			(01) graduando	
			(02) não informaram	

### 1. Quadro-resumo 1.

1. Contexto profissional e recursos disponíveis	2. Recursos mais Utilizados em suas aulas	3. Habilidade mais importante	4. Outros empregos
Quadro e giz, TV/Video, Retroprojeter, Datashow, CD player	Quadro e giz, TV/Video, CD player	Listening (04) Speaking (04) Reading (02) Writing (00) Speaking/writing (02) Speaking/ grammar (01) Reading/writing (01) Reading/writing/grammar (02)	Ensina português e literatura brasileira (11)

## 2. Quadro-resumo 2.

Os resultados sugerem, dentre outras coisas, que estes professores enfrentam dificuldades e limitações no uso comunicativo da língua alvo, ou seja, apenas 01 (um) diz ser excelente em sua competência oral; 08 (oito) afirmam estar entre o nível razoável e fraco de fluência oral, apesar de 07 (sete) afirmarem ter cursado escola de idiomas. Este fato está intimamente relacionado à formação desses professores, uma vez que apenas 01 (um) é graduado em Letras-Inglês. Dos demais, 10 (dez) têm dupla habilitação (Português-Inglês); 03 (três) são graduados em outras áreas; e um (01) não informou sua formação. Além disso, dos 07 (sete) professores que fizeram uma pós-graduação ao nível de especialização, apenas 01 (um) fez Especialização em Língua Inglesa. Em relação aos demais, 04 (quatro) professores fizeram Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira; 01 (um) em Educação; e 01 (um) em Gestão Escolar. Isto nos revela que quando o professor busca uma complementação para a sua formação, opta por outras áreas em detrimento da língua inglesa.

Em relação ao tempo de atuação profissional com a disciplina língua inglesa, os 03 (três) com maior tempo de serviço têm, respectivamente, 15, 13 e 10 anos. Enquanto aqueles com menor tempo têm 04, 06 e 07 anos de docência. Apenas 01 (um) tem menos de 01 (um) ano de experiência. Ressaltamos, ainda, que 11 (onze) desses

professores também atuam como professores de língua portuguesa e literatura brasileira, provavelmente para complementação da carga horária e/ou salarial.

Todos os professores pesquisados apontaram para a necessidade de cursos de formação continuada e de investimentos em materiais didáticos e de pesquisa em língua inglesa, como condição para melhoria da qualidade de ensino de inglês nas escolas. Seus depoimentos deixam transparecer a sensação de insegurança e despreparo, frente aos desafios impostos pelo mundo globalizado. Reconhecemos algo de construtivo nestas falas, quer dizer, a consciência dessa limitação e o anseio por oportunidades de estudar mais sobre a profissão são fatores positivos diante da realidade cruel do ensino de língua inglesa nas escolas públicas. Por outro lado, algo de negativo também se mostra, ou seja, seus discursos deixam revelar falta de autonomia e iniciativa, no sentido de buscarem, por conta própria, ou até por meio das secretarias de educação, a participação em congressos, seminários, workshops etc. Em outras palavras, há certa acomodação por parte dos professores que, além de não conseguirem enxergar meios de contribuir melhor para o processo, também delegam a outros, *e.g.* gestão escolar, secretarias de educação, governo do estado etc. a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso do mesmo.

De fato, não se pode negar o descaso com que a disciplina sempre foi tratada. Basta citar o fato de que somente agora, a partir de 2011, é que estão sendo distribuídos livros didáticos de inglês para os alunos da escola pública. No entanto, se desejamos a valorização da disciplina, temos que fazer a nossa parte, buscando a participação em associações de professores; a organização de grupos de estudos para discussão e busca de soluções para os problemas vivenciados na sala de aula, bem como para a reformulação dos projetos pedagógicos; a participação em eventos da área etc. Todas essas ações poderão contribuir para transformar a situação desfavorável em que se encontra a disciplina língua inglesa.

Apesar da maioria das escolas (onde os professores pesquisados trabalham) contarem com bons recursos didáticos, tais recursos são subutilizados pelos professores, que, em sua maioria, se limitam ao uso de quadro e giz, conforme explícito no quadro-resumo<sup>2</sup>, item 2., tornando suas aulas desestimulantes e enfadonhas. No que diz respeito ao acervo bibliográfico de língua inglesa, constata-se um total desapareço para com a disciplina. Não há investimento algum em materiais, como: livros, dicionários,

revistas, jogos, cartazes, vídeos etc. cabendo exclusivamente ao professor o investimento na dinamização de suas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o perfil do professor de inglês que atua em escolas públicas do estado de Alagoas é o primeiro passo para qualquer iniciativa de intervenção no processo de ensino e aprendizagem dessa disciplina. Apesar da pesquisa de campo não ser abrangente (o número de escolas envolvidas é limitado), ela possibilitou discussões e reflexões dos licenciandos em Letras-Ingles, que tiveram um primeiro contato com a realidade da sala de aula de língua inglesa, e puderam confrontá-la com as teorias estudadas no curso.

Dentre as várias reflexões permitidas pela pesquisa, destacamos aquela provocada pelo texto de Almeida Filho (1992, p, 78), a saber: “O ciclo vicioso que se auto-abastece na formação insuficiente do professor na universidade, que engrossa a debilidade escolar do alunado e que por fim volta a alimentar a universidade precisa ser substituído por um ciclo virtuoso novo”. Esta asserção nos levou a refletir sobre o papel da universidade na formação do professor de línguas (momento em que reconhecemos e apontamos algumas falhas inerentes ao currículo do curso); sobre o papel da escola (quando se discutiu possíveis formas de contribuição da gestão escolar para a mudança do atual quadro relativo às línguas estrangeiras); o papel do professor (hora em que se refletiu sobre a importância da mudança de *habitus*, da autonomia e da formação continuada); e o papel do aluno (ocasião em que se discutiu o novo contexto de sala de aula, no qual a responsabilidade pela aprendizagem deve ser compartilhada entre professor e alunos).

Finalizamos com uma declaração de Almeida Filho (2005, p. 79) que resume o clima de reflexão estimulado pela pesquisa apresentada:

O professor, tanto quanto seus alunos, para aprender mais, para aprender sempre, precisa ver em suas ações uma transcendência, precisa sentir que o que faz é importante para além do que se constrói em sala de aula. Para além das questões reais que podem pesar e desmotivar qualquer tentativa de mudança e de aperfeiçoamento, o professor precisa ponderar se não está

atuando de um modo tão rotineiro e engessado que não represente para si um desafio e não lhe dê mais encanto e/ou prazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de (Org.). **O professor de língua estrangeira em formação**. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. O professor de Língua Estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização lingüística. In: Revista **Contexturas**, vol. 01 No. 01 (p. 77-85), São Paulo: APLIESP, 1992.

PAIVA, V.L.M.O. A identidade do professor de inglês. **APLIEMGE: ensino e pesquisa**. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997. P. 9-17.  
<<http://www.veramenezes.com/identidade.htm>> Acesso em: 21 nov. 2009.